



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

FRANCISCA FERREIRA DE SOUZA

O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO

CAJAZEIRAS-PB
2016

FRANCISCA FERREIRA DE SOUZA

**O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso Licenciatura em Letras da
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG,
para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS-PB
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S729e Souza, Francisca Ferreira de
O estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino /
Francisca Ferreira de Souza. - Cajazeiras, 2016.
37f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.
Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Sociolinguística. 2. Língua e linguagem. 3. Variação linguística. 4.
Linguística. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 81'27

FRANCISCA FERREIRA DE SOUZA

**O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Hérica Paiva Pereira
(Orientadora)

Prof^ª. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira
Membro 1

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Membro 2

Prof. Esp. Adriana Moreira de Souza Corrêa
Suplente

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

Dedico este trabalho as minhas filhas: Ellen Beatriz e Dávila Luiza, razão do meu viver. Ao meu esposo Civaldo Gabriel a quem amo incondicionalmente e a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas bênçãos que Ele proporcionou na minha vida. A toda a minha família, colegas, professores, coordenação e a todos que de forma direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta graduação.

O aprendizado da língua pelo educando deveria vir carregado da significação de suas experiências existenciais e não as do educador. (Paulo Freire).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender a importância do estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino, tendo por base os conceitos de língua e linguagem. Para isso, partimos de um estudo aprofundado sobre a contribuição que a Sociolinguística trouxe para a Linguística, assim como os conceitos de língua e linguagem, norma culta, para chegarmos ao estudo da Variação Linguística, especificando a variação diafásica, diatópica e diatrásica. Com isso, demonstramos que, o contexto social, em que vivem as pessoas, as características de cada região como também suas diferenças existentes na estrutura social, econômica e cultural, exercem forte influência na língua. Abordamos também a visão dos PCN, no que diz respeito ao estudo da variação linguística, desenvolvendo a contribuição que a análise linguística oferece para o funcionamento da linguagem, tomando por base, o aporte que esta trás para que o aluno, em sala de aula, ao apropriar-se dos instrumentos procedimentais e conceituais necessários para a reflexão linguística, no sentido de reconhecer os valores sociais nelas contidos e os preconceitos contra as maneiras populares de expressar-se. Portanto, diante da pesquisa sobre os PCN e a variação linguística, constatamos que há um compromisso em respeitar as diversidades de cada região, no âmbito cultural e político brasileiro, considerando a necessidade de construção das referências nacionais comuns no processo de educação de todas as regiões do Brasil. Nesta perspectiva, a escolha desta temática está justificada em buscar compreender a literatura concernente a Sociolinguística como ramo da linguística, que é responsável pela relação entre língua e sociedade, contribuindo assim, para a formação de novos professores que, em sala de aula, ao encontrar-se com alunos de diferentes variantes saibam como atuar. A fundamentação está baseada nos estudos de Alkmim; Camacho, (2001), Bagno (2007), Cagliari (2000), Fiorin, (2004), Hora (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Silva, (2005), Marcuschi (1986), nos PCN (1998) do Ensino Fundamental e outros. Quanto à pesquisa é uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, descritiva e qualitativa, já que busca compreender o aporte que o estudo das variações oferece para a prática escolar.

Palavras-chave: Língua e Linguagem. Sociolinguística. Variação linguística.

ABSTRACT

This study aims to understand the importance of the study of language variation and its contributions to education, based on the concepts of language and language. For this, we start from a thorough study on the contribution that the Sociolinguistics brought to linguistics, as well as the language of concepts and language, cultural norms, to get to study variation Linguistics, specifying the diafásica variation diatopical and diatrástica. Thus, we demonstrate that the social context in which people live, the characteristics of each region as well as their differences in social, economic and cultural structure, exert a strong influence on the language. also approach the vision of PCN, with regard to the study of language variation, developing the contribution that linguistic analysis provides for the operation of language, based on the contribution that this back to the student in the classroom, to take ownership of procedural and conceptual tools necessary for linguistic reflection, to recognize the social values contained therein and prejudices against popular ways to express themselves. Therefore, before the research on the PCN and linguistic variation, we found that there is a commitment to respect the diversity of each region, in the cultural and Brazilian political, considering the need to build common national references in the educational process of all regions of Brazil. In this perspective, the choice of this theme is justified in seeking to understand the literature concerning Sociolinguistics as a branch of linguistics, which is responsible for the relationship between language and society, thus contributing to the formation of new teachers in the classroom, to find themselves with students of different variants know how to act. The reasoning is based on studies of Alkmim; Camacho (2001), Bagno (2007), Cagliari (2000), Fiorin, (2004), Time (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Smith (2005), Marcuschi (1986), the PCN (1998) of elementary school and others. The research is a qualitative approach, bibliographical nature, descriptive and qualitative, as it seeks to understand the contribution that the study of variations offers for school practice.

Keywords: Language and Language. Sociolinguística. linguistic variation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A SOCIOLINGUÍSTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LÍNGUA.....	12
1.1 SOCIOLINGUÍSTICA	12
1.2 CONCEITOS DE LÍNGUA E LINGUAGEM.....	13
1.3 NORMA CULTA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	16
1.4 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	20
1.4.1 A variação diafásica.....	22
1.4.2 A variação diatópica.....	23
1.4.3 A variação diastrática.....	25
CAPÍTULO 2: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA	26
2.1 Proposta de atividade em sala de aula com a Variação Diafásica.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa aborda a variação linguística e a sua importância para o ensino de Língua Portuguesa do Ensino, desmistificando os preconceitos linguísticos ainda fortemente existentes em nossa sociedade e em especial, na escola. Nesta perspectiva, apresentaremos os principais tipos de variação linguística encontrados nas regiões brasileiras, demonstrando assim que cada região tem especificidades da língua.

A escolha desta temática está justificada em buscar compreender a literatura concernente a Sociolinguística como ramo da linguística que é responsável pela relação entre língua e sociedade, contribuindo assim, para a formação de novos professores que, em sala de aula, ao encontrar-se com alunos de diferentes variantes, saibam como atuar.

O objetivo geral da pesquisa é compreender a importância do estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino, tendo por base os conceitos de língua e linguagem. Para isso temos como objetivos específicos, pesquisar a origem e os conceitos de língua e linguagem; discorrer sobre Sociolinguística, norma culta e variação linguística e descrever sobre a importância da variação linguística para a escola.

A fundamentação teórica da pesquisa está embasada nos trabalhos dos teóricos Alkmim; Camacho, (2001), Bagno (2007), Cagliari (2000), Fiorin, (2004), Hora (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Silva, (2005), Marcuschi (1986), nos PCN (1998) do Ensino Fundamental e outros, que apresentam pesquisas na área da Linguística e da Sociolinguística, que, segundo Mollica (2015, p. 9) “é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

Para entender a relação língua e sociedade, como base da formação do ser humano, podemos dizer que a Linguística e a Sociolinguística funcionam interligadas, pois envolvem diversos fatores extralinguísticos que influenciam na maneira de falar, segundo as distinções históricas, geográficas, econômicas, políticas, sociais, exigindo assim, o envolvimento do falante, do ouvinte e da situação em que ocorre a comunicação. Confirmando estas afirmações, Preti (1930,

p. 2) defende que “a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua”. Ainda para o autor, nesse processo de interação da língua entre indivíduo e sociedade existe a variação da língua no contexto da fonética, da morfologia, da sintaxe e do léxico, se efetivando assim, nos mais diferentes níveis da variação linguística. Esta, por sua vez, está associada à Sociolinguística que tem a responsabilidade em conhecer a heterogeneidade da língua.

No tocante à metodologia, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfico, com caráter exploratório no sentido de querer encontrar subsídios que nos ajudem a compreender a importância do estudo das variações linguísticas para o ensino em sala de aula. Para a obtenção dos dados, pesquisamos livros e artigos acadêmicos escritos e virtuais.

Os capítulos aqui desenvolvidos são três. Na Introdução abordaremos a explicação do tema “Variação Linguística e as suas contribuições para o Ensino Fundamental”, enfatizando a sua relevância para a formação do professor. No segundo capítulo discorreremos sobre os conceitos de língua e linguagem entendendo língua como patrimônio social que tem sua origem nas diferentes situações sociais e a linguagem considerada como instrumento de comunicação. Ainda, neste capítulo, apresentaremos a Sociolinguística, seu percurso histórico, conceitos e tipos de variação, com ênfase na variação diastrática, diafásica e diacrônica. E, finalmente, no terceiro capítulo, abordaremos a temática da variação linguística na escola e uma proposta de atividade a ser trabalhada com o 9º ano do Ensino Fundamental sobre a Variação Diafásica, com o objetivo de nortear nossos alunos sobre as variedades da nossa língua, encontradas em diferentes contextos, para que assim, os preconceitos e paradigmas que são postos em relação à língua possam ser desmistificados.

CAPÍTULO 1: A SOCIOLINGUÍSTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LÍNGUA

Este capítulo faz uma abordagem da literatura sobre os conceitos de língua e linguagem, a Sociolinguística, a norma culta e as variações os conceitos da variação linguística, assim como, os tipos de algumas variações: variação diastrática, diafásica e diatópica. Com isso queremos entender as contribuições que o estudo da variação linguística propicia ao professor de língua portuguesa no desenvolvimento de suas práticas no ensino da leitura e escrita.

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Podemos dizer que é o estudo que descreve o efeito de qualquer e de todos os aspectos da sociedade, incluindo as normativas culturais, expectativas e contexto, na forma como a linguagem é usada, bem como os efeitos do uso da linguagem na sociedade. É importante enfatizar que o foco da Sociolinguística é o efeito da sociedade sobre a língua (BAGNO, 2007) e foi considerada como ciência autônoma e interdisciplinar a partir da metade do século XX, mesmo se houveram linguistas anteriores a 1960.

Vale salientar que a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure na França e da publicação da obra *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral), em 1916, a linguística se firmou como ciência, no entanto este estudo deixou espaços, porque ele definiu a língua sob um ângulo social, como objeto central de sua pesquisa linguística, opondo-se a fala (*parole*), que é considerada algo individual. Na visão de Saussure, a língua era vista como um “sistema de normas, um estudo sincrônico, em que a língua é entendida como um sistema totalmente estático, homogêneo e regular, privilegiando o caráter formal e estrutural do fenômeno lingüístico” (ALKMIM; CAMACHO, 2001, p. 23). Sendo assim, não se considera o falante e os vários modos como à língua se apresenta.

Com o surgimento da Sociolinguística, a partir da comprovação da relevância da fala, observou-se o fenômeno linguístico em sua abrangência no dialeto e variação, verificando como a língua funciona em um contexto de fala e quais os

fatores que influenciam para que as transformações linguísticas ocorram (SOUSA, 2005). Neste contexto, a Sociolinguística estuda a língua em uso na comunidade de fala, levando em consideração a língua como algo social, que pertence a todas as pessoas de uma comunidade. Ela considera a língua como uma estrutura viva que pode ser modificada de acordo com a região onde é empregada, ou seja, ela possui um caráter heterogêneo (SOUSA, 2005). Para melhor esclarecer este fenômeno, Bortoni-Ricardo explica:

A Sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo as funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 20).

Nesse contexto compreendemos que o objeto de estudo é a língua falada em um determinado contexto social, ou seja, em uma situação real de uso, através de um ser subjetivo que utiliza a língua em várias situações. Portanto, podemos dizer que cada falante usa a língua da forma que considera correta para expressar seu pensamento, por isso é fundamental entendermos que sem os membros que constituem a comunidade, jamais haverá interação, daí porque a relevância de se analisar a relação que existe entre língua, sociedade e cultura (HORA, 2004).

Nesta perspectiva, percebemos que a língua é um objeto histórico-cultural, por isso muda no tempo e no espaço. Um exemplo é o caso do Brasil que, mesmo tendo uma só língua, devido ao tamanho do país e pelas dificuldades de contato com os extremos do país, apresenta suas variações linguísticas que variam de região para região.

1.2 CONCEITOS DE LÍNGUA E LINGUAGEM

A língua é compreendida como um comportamento social, podendo ser adquirida mediante o estímulo e através da formação de hábitos do indivíduo. Ela é entendida, portanto, como “um sistema não unitário em que se entrecruzam diversos subsistemas, resultados de situações sociais, culturais e geográficas diversas”. “Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com

o tempo”. (BAGNO, 2000, p. 22). Nesta visão, o autor defende que a língua varia geograficamente, no espaço, e com o tempo.

O conceito de língua como expressão do pensamento está relacionado às chamadas gramáticas normativo-prescritivas que, conforme Possenti (1997) são as gramáticas que apresentam, em seu conteúdo, um conjunto de regras a serem observadas, por isso, destinam-se a ensinar os sujeitos a falarem e a escreverem corretamente.

A norma padrão ou norma culta de uma língua obedece à gramática e à sua estrutura. Segundo Bagno (2013, p. 82) “é considerada mais adequada para situações formais da escrita”. Esta é usada normalmente nos documentos escritos, como por exemplo: revistas, jornais, livros escolares, artigos acadêmicos, etc. Sendo assim, as pessoas que não seguem estas normas são consideradas matutas, ou seja, não sabem fazer o uso adequado da língua.

Sabemos que, no dia a dia dos brasileiros, a língua falada apresenta uma diversidade de variações, em que se efetiva a partir do contato da língua com o ambiente. Nesse sentido, constatamos que o contato da língua com o espaço físico, em que a mesma é falada, dá origem às diferenças regionais da fala. Um exemplo dessa colocação se refere ao falar do carioca e do paulistano, etc. Notamos também diferenças na fala da criança e do adulto; por pessoa alfabetizada ou não alfabetizada; por uma pessoa de classe alta e/ou de classe média ou baixa; por um morador da cidade e um morador do campo, e assim sucessivamente. Nesse contexto, ao lado das variedades geográficas, surgem outros tipos de variedades de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc.

Vale salientar que a compreensão que se faz referente aos conceitos de erro, através das variações linguísticas, têm sido um dos causadores do desinteresse e falta de motivo que levou muitas pessoas a pensarem que não sabem a língua portuguesa e a consideram muito complexa e difícil.

Em relação à linguagem como expressão do pensamento, esta é conceituada como expressão do pensamento e fundamenta-se, segundo Perfeito (2005), na tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna, sendo rompida no início do século XX, com Saussure.

Esta concepção é considerada a primeira visão de linguagem, uma vez que nasceu a partir dos estudos de Dionísio de Trácia (século II a.C.), responsável pela

elaboração da primeira gramática ocidental e pela noção de certo e errado no uso da língua (PERFEITO, 2005). Nessa concepção, Travaglia explica,

As pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A construção do enunciado passa a ser um ato em forma de monólogo e individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que compõe a situação social em que a enunciação acontece (Travaglia, 1996, p. 21).

Assim, o domínio do bem falar constituía-se como objetivo da concepção de linguagem como expressão do pensamento, não garantindo que o aluno tivesse compreendido realmente o texto. Comprovamos, ainda, no cotidiano escolar, que as práticas da leitura oral ainda estão fortemente presentes no contexto da sala de aula e que ainda são constantes nos livros didáticos para servir de material de intervenção para o aprendizado do aluno.

Referente ao segundo conceito sobre linguagem, como instrumento de comunicação, a língua "é vista como um código, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor" (Travaglia, 1996, p. 22).

Dessa forma, observamos que essa perspectiva está intrinsecamente ligada aos elementos comunicativos, em que o falante deseja transmitir uma mensagem a um ouvinte. Para explicar este fenômeno, Travaglia (1996) diz que o emissor codifica uma mensagem e transmite para o ouvinte, fazendo uso de um canal, conhecido por ondas sonoras e luminosas. Por sua vez, o outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem, ou seja, em informações, construindo assim a decodificação.

Assim, nessa concepção, a linguagem é concebida como uma ferramenta, empregada para transmitir uma mensagem, uma informação, utilizando, segundo Geraldi (1984), a variedade padrão e desprezando as demais variedades linguísticas. Portanto, há a associação daquela variedade à tradição gramatical, especialmente no trabalho com as estruturas linguísticas, a partir do qual se vê a possibilidade de desenvolver a expressão oral e a escrita.

A terceira concepção de linguagem, desenvolvida no Círculo de Bakhtin, defende que o *lócus* da linguagem é a interação. Segundo Bakhtin/Volochinov

(1992), a língua é constituída através de uma ação que não se interrompe e que se desenvolve por meio da interação verbal, social, entre interlocutores de forma instável. Desta forma, os sujeitos são considerados agentes sociais, que atuam através de trocas de experiências e conhecimentos. Portanto, a linguagem é predominantemente um fato social.

1.3 NORMA CULTA E VARIAÇÃO LINGUISTICA

Sabemos que o português padrão é aquele aprendido através do processo de memorização que exige do falante um treinamento linguístico especial. Nesse sentido, Soares afirma:

Dialeto-padrão: também chamada norma-padrão culta, ou simplesmente norma culta, é o dialeto a que se atribui, em determinado contexto social, maior prestígio; é considerado o modelo – daí a designação de padrão, de norma – segundo o qual se avaliam os demais dialetos. É o dialeto falado pelas classes sociais privilegiadas, particularmente em situações de maior formalidade, usada nos meios de comunicação de massa (jornais, noticiários de televisão, etc.), ensinado na escola, e codificado nas gramáticas escolares (por isso, é corrente a falsa ideia de que só o dialeto-padrão pode ter uma gramática), quando qualquer variedade linguística pode ter a sua (SOARES, 2000, p. 82-83).

Nesse sentido, a autora repassa um entendimento a respeito do português padrão como norma a ser seguida.

Para Perini (2001), a nossa língua materna é aquela que aprendemos através da convivência com a família, pais, irmãos, avós, dentre outros. Portanto ele não considera língua materna a língua que encontramos nos diferentes textos. Nesse sentido podemos dizer que no Brasil existem duas línguas: a primeira faz referência àquela que se escreve o chamado português; a segunda é a que se fala, em o próprio autor chama de língua vernácula, ou seja, a língua materna dos brasileiros (PERINI, op. cit).

No caso da língua culta, esta é denominada de variedade padrão e ela não é a língua original, e sim, o resultado de uma atitude social, em que o falante escolhe uma das maneiras de expressar a língua dentre os diversos modelos existentes, definindo assim a forma correta de falar. Devido ao processo histórico vivenciado

pelas sociedades que se originaram da tradição oriental, em que a linguagem padrão falada teve sua gênese nas classes dominantes e denominada classe social burguesa conforme as regiões geográficas, pois estas tinham o poder de definir o modo correto para falar e escrever utilizando a norma culta (FIORIN, 2004).

A literatura que trata da Variação Linguística deixa claro que nos mais diversos momentos da vida humana, o homem precisa falar e/ou escrever para que se processe a comunicação no contexto da sociedade. De acordo com Cagliari (2000, p. 76) “todo mundo sabe que há modos diferentes de se falar uma língua.” A afirmação em destaque demonstra que há inúmeras maneiras de expor a mesma coisa. Esse fato acontece devido à variedade de palavras, da semântica e da diversidade de linguagens que existem.

Para melhor compreensão, a experiência mostra que as sociedades são constituídas por indivíduos que vivem em um contexto social diferenciado, em que se encontram pessoas com poder aquisitivo que, pertencem às classes sociais, denominados como: ricos e pobres, com instrução acadêmica ou não, desde a mais tenra idade até a idade idosa, de qualquer gênero, que apresentam uma diversidade de conflitos e que se submetem a mudanças necessárias para o bom convívio na sociedade.

Por serem as línguas heranças históricas vividas e passadas de geração em geração, estas sofrem também variação histórica, como foi um dia usado a maneira de tratar as autoridades, no caso de Reis, nos séculos passados por Vossa Senhoria (FIORIN, 2004). Estas variações da língua estão relacionadas a vários fatores como: a faixa etária em que as palavras sofrem a variação ao longo das gerações, pois cada idade tem característica específica que são demonstradas em sua fala, porque a língua muda com o tempo. Outro fator diz respeito ao gênero, em que crianças, homens e mulheres falam de forma diferenciada, segundo os padrões sociais da cultura em que vivem. Além disso, o status social e econômico reflete nas diferenças Sociolinguísticas, como também o grau de escolaridade, bem como a qualidade da instituição educacional que o indivíduo frequentou. Nesse sentido, irá refletir no fator mercado de trabalho, demonstrando na eficiência e eficácia do desempenho de sua atividade profissional.

Ainda para o autor, a variação linguística de uma maneira geral pode ser compreendida em dois parâmetros: a variação geográfica conhecida como diatópica e a variação social. A primeira tem relação com as discrepâncias observadas entre

as pessoas que falam em um determinado espaço geográfico diferente; a segunda variação linguística tem relação com a identidade das pessoas que falam priorizando a organização cultural e social destes indivíduos, conhecida como diastrática, com ênfase na idade, sexo, situação social.

Com base no contexto acima, compreendemos que as diversas situações da fala são observadas nos mais diferentes tipos de linguagem que usamos. No caso de uma defesa de qualquer tese, devemos usar a linguagem formal, segundo as exigências normativas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, enquanto que, no caso de uma conversação com amigos utilizamos a linguagem informal, ficando assim, demonstrados situações totalmente adversas, em que as pessoas que falam devem seguir as convenções exigidas (SILVA, 2005).

Em relação à variação estilística ou registros, o processo acontece de acordo com adequação de formas de expressar no ato de enunciar uma seleção dentro do saber linguístico individual para definir a forma adequada a se usar, com certo grau de reflexão. Assim, existem diversos estilos em várias situações e os nomes mais dados a esses estilos não são muito bem definidos, mas se devem utilizar estilos, como: formal, informal, coloquial, familiar e pessoal, tendo o cuidado para fazer uso dos mesmos onde ocorrer interações verbais (FIORIN, 2004).

A relação entre variedade linguística e estrutura social coexiste dentro de relações sociais que são estabelecidas na estrutura sociopolítica de cada comunidade. Portanto, dentro da vida social encontramos certas hierarquias que define a ordem dos grupos sociais, isto é, a variedade linguística em uso. Sendo assim existem certas variedades que são consideradas superiores as outras (FIORIN, 2004).

Para a linguística nenhuma língua é inferior ou primitiva, pois toda ela é adequada, é um meio para representar o mundo físico e simbólico em que as pessoas vivem. Podemos também fazer empréstimos linguísticos no contato cultural com outros povos, na formação de novas palavras ou de novos conceitos. Nesta perspectiva, lembramos que toda língua é heterogênea e as variedades existentes são frutos históricos e presentes (FIORIN, op.cit.).

Para os teóricos que discorrem sobre a variedade linguística, as pessoas que vivem nas áreas rurais utilizam variedades da língua que não consideradas feias, como muito assim a concebem. Existe o chamado preconceito linguístico que causa um impacto negativo, muitas vezes ocorrendo certa intolerância diante de uma

palavra inadequada e de uma concordância verbal não realizada. Para os estudiosos não podemos rejeitar nenhum tipo de variação, pois conforme o senso comum existe um código (língua) que é adquirida de forma diferente por cada falante (SILVA, 2005).

A variação lingüística, presente na fala cotidiana das pessoas, representa o modo de funcionamento diferente dos indivíduos, que são dirigidos para fazer se cumprir os valores sociais, ideológicos, religiosos, históricos, econômicos, políticos, dentre outros. Conforme Cagliari (2000, p. 81) é “através do modo de falar de cada um, revela-se o status social dos indivíduos e grupos sociais, ficando definido o lugar de cada um na sociedade”.

Para fundamentar com amplitude a concepção de Cagliari em relação à diversidade da sociedade e da língua, Bagno (2007, p. 36) argumenta: “A língua, na concepção dos Sociolinguistas, é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”. Ainda enfatiza que a língua é o conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas, ou seja, ela é uma atividade social.

Nesse contexto, compreendemos que, como a língua é um processo que se constrói socialmente e que têm características heterogêneas, apresentando a variação. A sociedade que fala a língua, conseqüentemente, apresenta as características dessa variação. Em concordância com o descrito acima, entendemos que as pessoas de modo geral falam mais de um dialeto, que são usados segundo as circunstâncias. Nesse sentido, a variação linguística está presente nas diferentes situações e lugares em que essas pessoas estão inseridas.

Destacamos que a variação linguística está presente no cotidiano das pessoas, como descreve Bagno: “Com tudo isso, a gente está querendo dizer que, na contramão das crenças mais difundidas, a variação e a mudança linguísticas é que é o estado natural das línguas, o seu jeito próprio de ser” (BAGNO, 2007, p. 37). Isso nos faz compreender que as pessoas que fazem uso da variação linguística no dia a dia tornam efetivas de forma espontânea, quando interagem com as demais pessoas, de maneira individual, conforme o momento da interação em que se encontra.

Nesta lógica, Marcuschi (1986) defende que a conversa faz parte da vida diária de todos os seres humanos, já que é através desta prática social que nós nos expressamos e nos tornamos seres sociais que se relacionam com outras pessoas,

conseguindo assim a realização de seus propósitos, por meio da conversação que, por sua vez, apresenta inúmeras variações linguísticas. Nesse entendimento, percebemos que a língua adquire as características das comunidades que fazem uso dela, agregando também valores culturais e históricos.

As discrepâncias linguísticas que distinguem a fala das pessoas nem sempre são aceitas como parte integrante dos processos culturais. Portanto, as avaliações e julgamentos que fazem os indivíduos evidenciarem seus preconceitos, colocam nas discrepâncias linguísticas, comportamentos com marca de prestígio e estigmas.

Eis aqui o grande desafio que queremos enfrentar: segundo Cagliari (2000), a escola é orientada a ensinar a língua da classe dominante, no sentido de incorporar esse comportamento preconceituoso da sociedade em geral, em que rotulam seus educandos pelas maneiras diferentes de falar, com preferência em adotar os termos: certo e errado, numa falsa visão de realidade. Mesmo se a norma culta é mais usada na escola, não podemos descartar as variações existentes em nossa língua como recurso fundamental para o desenvolvimento da linguagem, já que estas são portadoras de riquezas e de cultura de nosso país.

1.4 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Dizer que a língua apresenta variação significa dizer que ela é heterogênea devido aos aspectos sociais, culturais, econômicos, geográficos que constituem a mesma. De acordo com Bagno (2007, p. 36), a língua é “múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado. [...] a língua é um processo permanente e nunca concluído”. Nesta perspectiva, a variação na língua ocorre não apenas no modo de falar das comunidades, dos grupos sociais, mas também no comportamento de cada pessoa, de cada falante da língua à medida que se encontra em um determinado contexto ou situação.

As pessoas estão inseridas em uma sociedade dinâmica que atravessa por mudanças com o passar do tempo e acaba mudando a sua maneira de estabelecerem seus relacionamentos interpessoais. A linguagem utilizada pelos internautas é um dos exemplos dessas mudanças, que diante de tantos neologismos e abreviações usadas, criam um universo diversificado e específico, pois somente os

interlocutores têm a capacidade de decifrar as palavras escritas e utilizadas pelos mesmos. Assim, a variedade linguística é entendida como o reflexo da sociedade em que esta possui uma variedade social que caracteriza o papel das pessoas dividindo-os em classes (POSSENTI, 1997).

Na sociedade brasileira, a distribuição de renda acontece de maneira desigual causando uma divisão de classes sociais que conseqüentemente reflete na aquisição da língua. Essa divisão de classes, enquanto domínio social, é definido por Bortoni-Ricardo como:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio. [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23).

Nesse contexto, compreendemos que os papéis sociais são definidos por regras socioculturais, determinando assim no processo natural os personagens envolvidos nesse processo de interação, que se efetiva através da linguagem que é usada no ato da comunicação.

O domínio do Português-Padrão (PP) sobre o Português não padrão (PNP) é formado por variedades da língua nos mais diversos aspectos, seja: social, regional, faixa etária, dentre outros, pois se compreende que:

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34).

A autora destaca que as variedades faladas, com maior poder e prestígio, não são superiores às demais variações, visto que estas variações podem ser usadas por força da ideologia dominante, que de forma visível estão associadas à política e a economia.

Para Fiorin (2007), a ideologia dominante tem um discurso que prevalece diante dos demais e, portanto, influencia a língua, padronizando-a. Isto é, cria uma norma conhecida por norma-padrão, que se encontra na gramática para ser obedecida, mesmo que essa não exclua o português não-padrão (FIORIN, 2007). Ainda sobre o Português não padrão, Bagno explica:

[...]. Esse PNP (Português não padrão), logicamente, apresenta variedades de acordo com as diferentes regiões geográficas, classes sociais, faixas etárias e níveis de escolarização em que se encontram as pessoas que o falam. [...] (BAGNO, 1997, p. 28).

Outros fatores que influenciam as variações são os repertórios masculino e feminino; nível de escolas frequentado pelo indivíduo; ambiente mais ou menos formal em que o a pessoa fará uso da língua. Isso porque, dependendo do lugar onde o indivíduo trabalha e o modo como as pessoas com as quais convivem, interagem, haverá uma influência na língua.

Com base nesses pressupostos e dada à importância dos tipos de variação linguística apresentada pelas línguas, estas dependem de fatores específicos como: social, faixa etária, diferenças entre regiões. Nesse contexto, apresentaremos as variações diafásicas, diatópicas e diastráticas que compõe o contexto social, a faixa etária e a diferenciação da língua entre as regiões brasileiras.

1.4.1 A variação diafásica

Variação diafásica é denominada também por variação estilística. A variação diafásica (do grego *diá*= através de; *phásis* = expressão, modo de falar) é registrada nos usos diferenciados que o indivíduo faz da língua conforme a situação/contexto em que ele se encontra. Assim, esse tipo de experiência da variação diafásica é aquela em que as pessoas falam em casa, na mesa de um bar, num encontro com os amigos, com o chefe, dentre outros. Quando escrevemos, registramos esse tipo de variação na escrita de um bilhete deixado na porta da geladeira, em um e-mail que se envia a um colega, de uma resenha a ser encaminhado ao professor, etc. Neste contexto, Bagno (2007, p. 45) destaca que “cada situação exige do indivíduo que fala ou escreve um controle maior ou menor, tanto do comportamento em geral

quanto do comportamento verbal da pessoa”, ou seja, o monitoramento estilístico vai do grau menor para o grau maior.

Nesse sentido, cada pessoa, independente de seu grau de instrução, classe social, idade, etc., varia o seu modo próprio de falar, podendo ser mais ou menos consciente, dependendo da situação em que está. Os termos usados para designar esse tipo de variação são “estilo” ou “registro”.

Na concepção de Mota (2002), este tipo de variação representa as variações que se estabelecem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que diz a forma como uma pessoa se dirige ao interlocutor, se esta pessoa deve se comunicar de maneira formal ou informal (MOTA, 2002). Neste sentido, a ocorrência de variantes diafásicas, documentadas em diversos tipos de discurso, mostra a consciência do falante, que adapta o desempenho à situação imediata do ato de fala, no sentido de mostrar a sua multidialetalidade, independente de seu grau de escolaridade (MOTA, 2002).

A variação diafásica, tanto no nível fônico quanto no morfossintático, apresenta: ausência do morfema de plural em alguns dos constituintes do sintagma nominal, na ocorrência flexionada do determinante menos (MOTA, 2002). Ressalta ainda que, o fator velocidade da fala ainda é pouco estudado, embora de grande relevância para o desenvolvimento de algumas variantes.

Portanto, a respeito da variação diafásica, diz-se que além da sua complexidade para compreender os seus inquéritos experimentais, torna-se complicado gerenciar uma análise de variantes linguísticas do português no âmbito da diafásica, que exige um estudo minucioso com uma literatura mais abrangente acerca do assunto.

1.4.2 A variação diatópica

O Brasil é entendido como um país continente, que apresenta suas diferenças regionais e socioculturais e por esse motivo a língua portuguesa, aqui, apresenta uma variedade significativa, tanto regional quanto social, em especial em relação ao léxico (ARAGÃO, 2010). Essa variação, conhecida como diatópica, ocorre em razão das diferenças regionais, pois pode adquirir acepções semânticas que têm relação

com o significado e que em algumas regiões do Brasil, umas divergem das outras, como por exemplo: jerimum.

Conforme a variação diatópica (fonética) uma palavra pode ser pronunciada de várias maneiras, como exemplo tem-se a variação dos sons. Nesse sentido um carioca pronuncia o “r” em final de sílaba aspirando /r/, ao passo que os paulistanos pronunciam como uma vibrante simples /h/.

Ainda nesse contexto, as variações diatópicas ou regionais, especialmente as variações nordestinas, têm sido muito utilizadas em novelas e programas de humor da televisão, mas, na maioria das vezes, com um sentido conotativo e pejorativo, com exageros que conduzem à expressão das falas ao ridículo, diante da variante padrão ou as falas do Rio de Janeiro e São Paulo (ARAGÃO, 2010).

Para conhecer a variação diatópica de itens lexicais podemos fazer uma pequena descrição da palavra arco íris que faz parte do material dos Atlas Linguísticos da Bahia, Paraíba e de Sergipe, por serem Atlas tradicionais e demonstrarem as variações diatópicas marcantes desses estados nordestinos. A carta escolhida para todos os Atlas foi: Arco-Íris, que corresponde ao campo semântico, astros e tempo (ARAGÃO, 2010).

ARCO IRIS – ITEM LEXICAL

PARAÍBA	BAHIA	SERGIPE
ARCO-ÍRIS	ARCO-IRIS	ARCO-IRIS
Arco-celeste	Arco-celeste	Arco-celeste
Olho de boi	Olho de boi	Olho de boi
-----	Arco de boi	Arco de boi
-----	Arco da velha	Arco da velha
-----	Arco de velho	Arco de velho
Arco	Arco	Arco
-----	Arco da aliança	-----
As barras	-----	-----
As torres	-----	-----
Sub-dourada	-----	-----
Os véus	-----	-----
-----	Sete couros	-----
-----	Barra de nuvem	-----

Fonte: Pesquisa bibliográfica ARAGÃO, 2010.p. 47).

1.4.3 A variação diastrática

A variação diastrática (do grego *dia*= através de; *stratum* = estrato, camada) corresponde às diferentes formas produzidas por falantes de diferentes classes sociais, variações estas que se manifestam na fala de pessoas com diferentes escolaridades, como também de alguns casos que caracterizam a chamada variedade não padrão.

Vazzata-Dias (2000) revela que a relação direta entre o aumento dos anos de escolarização e o favorecimento da marca explícita de plural no predicativo/particípio passivo no português falado no Brasil aparece no nível de escolaridade colegial (ensino médio), ao contrário do ensino fundamental I e II, e favorece mais a forma de prestígio.

Para enfatizar este tipo de variação apresentamos aqui a letra da música que retrata o chamado “dialeto caipira”: A letra é de composição de Adoniran Barbosa, denominada ‘Samba do Arnesto’. Vejamos na letra os dialetos caipiras:

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convido/ Prum samba ele mora no Brás/
Nóis fumo mas não encontremo ninguém/

Nóis vortemo cum a baita de uma raiva/ De outra veiz nóis num vais mais

No outro dia encontremo co Arnesto/ que pediu descurpa mas nóis não aceitemus

Isso não se faz Arnesto/ Nóis não se importa/ Mas você devia ter pnhado um recado na porta/ Um recado ansim ói: ói turma, num deu pra espera/ Aduvido que isso não faz má/ Num tem importância/ Num faz má/ Assinado em cruz porque num sei escrevê/ Arnesto (<https://www.letras.mus.br/adoniran-barbosa/43968/>)

Ao perceber o problema da variação regional em relação à variação social, muitos problemas e muitos questionamentos surgem em relação aos limites de cada tipo de variação, em que a dúvida é persistente, onde termina uma e onde inicia a outra e qual a prevalência de uma sobre a outra. Diante da dúvida Hudson (1980, p. 43) diz que os dialetólogos discorrem sobre o dialeto social ou socioleto para se referir às diferenças que não sejam regionais, em que ele acrescenta: “Por causa desses fatores, um falante pode mostrar mais similaridades na sua linguagem com

pessoas do mesmo grupo social, numa diferente área, do que com pessoas de diferentes grupos sociais na mesma área”.

Não pode haver dialeto social sem o regional, pois todos os falantes têm um *background* social, mas têm também uma localização regional. Segundo Chambers e Trudgill (1980, p. 54) “Todos os dialetos são ao mesmo tempo regional e social, uma vez que todos os falantes têm uma experiência social bem como uma localização regional”

2 A VARIAÇÃO LINGUISTICA NA ESCOLA

Apesar de haver ideologias que defendem a não existência de uma cultura superior à outra, sabemos que componentes de superioridade e de dominação social decidem impor sua cultura aos demais grupos. De acordo com Aragão (2010), de consequência a isso, a escola sente-se obrigada a incorporar esses padrões, passando a marginalizar os que são diferentes por fazer parte de outra cultura.

Um dos fortes problemas enfrentados pela escola, diz respeito às regras gramaticais exigidas pelo dialeto padrão, que são trabalhados nas salas de aula do ensino fundamental. Essas trazem muitas dificuldades, principalmente, para o aluno de regiões carentes, com um nível sócio cultural baixo e pouca preparação. Para a autora citada, estas dificuldades podem até causar o que se pode denominar de “traumas linguísticos”, uma vez que a língua ensinada na escola é como se fosse uma língua estrangeira para o estudante.

Nesta perspectiva, uma das soluções apresentadas por Soares (1992, p. 49) “é a do bidialetalismo para a transformação, em que a escola levará em conta não apenas o dialeto padrão, mas o não padrão, trazido para a escola pelas crianças de classes menos favorecidas”. Assim, a autora propõe uma escola que trabalhe a transformação, porque esta deve considerar o dialeto padrão tanto quanto o não padrão, já que deve considerar as diferenças sócio-linguístico-culturais dos alunos. Vejamos o que ela diz:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhe permitam conquistas mais

amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social (SOARES, 1992, p. 73).

Com isso, a autora defende a importância da escola em oferecer a seus alunos, de camadas populares, a possibilidade deles poderem desenvolver-se amplamente no âmbito escolar. Por isso a importância do multidialetalismo, que é entendido como o uso de diferentes variações ou dialetos usados na sala de aula. Esses dialetos regionais, diatópicos, os sociais, diastráticos, e os diafásicos e ainda os estilísticos. Isso explica que a fala dos alunos, que é composta por variações, sejam elas padrão, de caráter dialetal ou Sociolinguísticas, deve ser considerada diferente e não erradas. Soares afirma ainda que:

[...] a ausência de flexão do número de pessoa na concordância verbal não é um “erro” cometido por “ignorância”, mas, ao contrário, evidencia a existência de uma regra aplicada de maneira sistemática e não aleatória; uma regra de gramática do dialeto popular. Além disso, não flexionar o verbo em todas as pessoas, como faz o dialeto não padrão, não é “ilógico”, na verdade, flexão em todas as pessoas é redundância (SOARES, 1996, p. 42).

Com isso, compreendemos que a partir dos princípios básicos da linguística, cada falante é único na sua experiência de linguagem. Isso pode ser comprovado na criança, pois ela se desenvolve linguisticamente sem precisar seguir regras, pois ela segue o parâmetro dos pais, dos coleguinhas e dos adultos em geral que fazem parte do seu convívio no contexto social.

A variação linguística está presente na fala e na escrita de qualquer pessoa. Conforme Cagliari (2000, p. 76), “todo mundo sabe que há modos diferentes de se falar uma língua”. Nesse entendimento é possível afirmar que existe diversas formas de escrever e/ou falar a mesma coisa devido a uma variação de vocábulos, de significados e diversidade de linguagens que podem ser utilizadas para emitir a mensagem desejada. Diante dessa afirmação, é correto dizer que as sociedades são constituídas por indivíduos diferentes.

No âmbito educacional encontramos pessoas com instrução ou não; ricos e pobres; homens, mulheres, crianças e idosos, visitantes de outras regiões que são heterogêneas por apresentarem uma diversidade na forma de falar, de expor seus conflitos e na maneira de demonstrar as mudanças que sentem necessidades de realizar. Para Cagliari (2000, p. 81), “através do modo de falar de cada um, revela-se

o status social dos indivíduos e grupos sociais, ficando definido o lugar de cada um na sociedade”. Nesse sentido, entendem que a variação linguística presente nas falas das pessoas pode representar estrutura de diferenciação das pessoas que são guiados por valores sociais, econômicos, ideológicos, políticos, religiosos, éticos, dentre outros.

O autor afirma ainda que as pessoas, de certa forma, falam mais de um dialeto e, determinadas ocorrências. Confirmando isso, Bagno (2007) afirma que a variação linguística está presente nas várias situações em que o indivíduo se encontra inserido, pois o próprio termo “variação” denota mudanças linguísticas, caracterizando o estado natural do uso da língua no dia a dia das pessoas (BAGNO, 2007).

No tocante ao ensino de português no âmbito da variação linguística em sala de aula, esta deve ser debatida para propiciar aos alunos o conhecimento referente ao processamento e a sua importância para o aprendizado dos mesmos. Vejamos o que diz Cagliari:

Para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais. Enquanto isso não acontece, os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os dialetos são, porque são diferentes, o que isso representa em termos das estruturas linguísticas das línguas e, sobretudo como a sociedade encara a variação linguística, seus preconceitos e a consequência disso na vida de cada um (CAGLIARI, 2000, p. 82).

Na concepção do autor, é compreensível e importante que a escola dissemine aos seus educandos os valores sociais diferentes que são inerentes do ser humano, como também as diversas maneiras de falar a língua. É importante, ainda, dizer que esses valores, contudo são baseadas em preconceitos e erradas interpretações, que trazem consequências para os campos: econômico, político e social e que do ponto de vista das pessoas é mais amplo e sério.

De acordo com Rojo (2008, p. 65), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) referentes à Língua Portuguesa “insistem sobre a necessidade de a escola formar leitores e escritores alertando para que esta procure ultrapassar os limites estreitos de suas práticas exclusivamente escolares conhecendo e compartilhando da diversidade textual vivenciada por seus alunos”.

A autora destaca também que, fora da escola, os alunos entregam-se a uma leitura significativa e a escrita real dirigida aos interlocutores de fato. Portanto, o ensino da Língua Portuguesa, preconizado pelos PCN, está baseado na crítica de uma abordagem que leva a escola a trabalhar com textos fechados, em aspectos e funções exclusivamente escolares e na proposição da construção de uma competência discursiva por parte de seus alunos.

Não obstante esta crítica que os PCN faz ao ensino de Língua Portuguesa, referente à maioria das escolas brasileiras, há uma grande diferença entre os dizeres dos *PCN* e o que de fato é trabalhado nessas instituições educacionais, apesar deste documento ser oficial, importante e socialmente legitimado quanto ao objetivo de orientar os docentes em sua prática.

Conforme os *PCN*, o intuito da educação escolar deve ser formar cidadãos críticos, para isto, preconiza um ensino baseado na valorização do patrimônio social brasileiro. Além disso, este documento expõe uma orientação voltada para o fenômeno da variação linguística, uma vez que julga que o estudo desse fenômeno é fundamental para formação da consciência linguística e desenvolvimento da competência discursiva do aluno, já que este se encontra em um meio social marcado pela diversidade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), pode-se entender que:

Os objetivos no Ensino Fundamental indicam que os alunos sejam capazes de: compreender a cidadania como participação social e política, assim como, o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, dia-a-dia atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeito ao outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; [...]; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; [...]; utilizar as diferentes linguagens – verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais em contextos público e privado, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos e questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 1998, p. 55).

Nesse contexto compreendemos que o objetivo dos PCN, neste caso, é que haja uma abrangência para o processo instrucional e formativo do educando, uma vez que contempla no campo da variação linguística que está relacionada com os fatores sociais extralinguísticos, tendo como requisitos a origem geográfica, o status econômico, o grau de escolaridade, a idade, o sexo, dentre outros. Esses fatores explícitos nesses objetivos são essenciais para a utilização das diferentes linguagens existentes.

Sabemos que a escola, enquanto Instituição é responsável pelo processo instrucional e formativo do aluno, em que tais processos se configuram como um espaço em efetivo movimento, que aglomera pessoas de valores, saberes, regiões e culturas diversas. Por isso, é mediante as práticas pedagógicas que a escola prioriza a norma padrão em detrimento da variação linguística que se encontra presente na fala dos alunos, segundo afirma Bagno: “A norma padrão é um construto sociocultural, portador-perpetuador de uma ideologia linguística, muito mais até do que um guia normativo para se falar e escrever corretamente” (BAGNO, 2007, p. 19). Nesta visão, os PCN dizem que:

o ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma da fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo as diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação as circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p.31).

O entendimento leva a perceber que o aluno precisa conhecer os diferentes padrões existentes para se utilizar tanto na fala como na escrita, seguindo os pressupostos que são necessários para escolher a forma da fala e da escrita, que irá utilizar para produção de seu texto oral ou escrito, adequando os recursos que estão disponíveis na literatura da variação linguística que permite a versatilidade e flexibilidade conforme o contexto em que se está inserido.

Ainda tendo por base os PCN (1998, op.cit.), um ensino ministrado de maneira restrita referente à língua padrão, se encerrando na exposição de regras da gramática e de elocuições fora do contexto, demonstrando a negação da variação da

língua, certamente não mostra resultados para atividades de formar sujeitos para o exercício da cidadania. Portanto, não se deve insistir no pensamento de que o modelo a ser seguido é de corrigir conforme determina a gramática tradicional, seja no nível padrão da língua ou que corresponda a variedade linguística de influência. Nesse sentido, constatamos que há preconceito que decorre do valor que se atribuí às variedades padrão e ao sinal associado às variedades não padrão que são ainda consideradas erradas pela gramática normativa (BRASIL, 1998).

Destaca-se, aqui que os PCN respeitam a variação linguística como componente das línguas humanas que faz parte da língua portuguesa e, por isso, contempla um ensino baseado em orientar sobre os requisitos determinados na Sociolinguística e nas variedades linguísticas, pois o aluno deve ser tratado como um ser social que precisa viver em permanente interação, nas várias situações em que se apresente, portanto é essencial que este seja conduzido a reconhecer as variedades da língua e se adaptar aos mais diversos contextos de comunicação. Os PCN dizem ainda que é necessário conhecer e valorizar as diferentes variedades do português procurando combater o preconceito linguístico (BRASIL, 1998, p. 33).

Estes documentos enfatizam ainda que no campo da orientação educacional, o professor deve respeitar a linguagem do grupo social ao qual o discente está inserido, com especificidade trabalhar no aluno as novas habilidades linguísticas, em particular as referentes aos padrões da escrita (BRASIL, 1998).

Como proposta para o trabalho em sala de aula, como suporte mais eficiente e eficaz aos docentes, os PCN (op.cit.) evidenciam o trabalho com a modalidade oral da língua, pois esta é tratada nas aulas tradicionais de português como secundária, em que se prioriza como primária a modalidade escrita no ensino de língua materna, contribuindo assim para alimentar o preconceito linguístico. Alguns exemplos destes trabalhos em sala de aula são textos orais, que podem ser gravados para se ter uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos da fala. Estes podem ser também na modalidade escrita, permitindo assim a identificação das diferenças que existem entre fala e escrita.

Os PCN (ibidem) defendem também o trabalho com a linguagem popular tanto na comunicação diária como também nas mídias e artes, além de defender a importância de realizar análises de filmes, peças de teatro, novelas, música, romances, etc., identificando assim as marcas de variação. Além dessas atividades, estes documentos sugerem que seja realizada, nas construções dos textos, a

identificação de traços de linguagem referentes a certos grupos como por exemplo, os jargões típicos de cada linguagem.

Referentes às questões sobre variação linguística propostas para desenvolver em sala de aula com os alunos na disciplina de língua portuguesa, cabe ao professor pesquisar, planejar e colocar em prática o que está disponível em cada item acima. Esta é uma excelente ferramenta para proporcionar ao educando um ensino voltado para uma aprendizagem satisfatória, já que possibilita ao aluno desenvolver um entendimento amplo da linguagem.

. A respeito das tarefas a serem desenvolvidas, Bagno (2007) sugere que:

Uma das principais tarefas da educação linguística é exercitar o olhar do aluno e a sua capacidade de refletir a respeito, levando-o a perceber o quanto o lugar em que ele se situa (muitas vezes sem saber) lhe permite descortinar uma determinada paisagem, mas o cega para outras (BAGNO, 2007, p. 15-16).

O entendimento referente à citação acima é que concomitante ao uso da língua desconhece-se outras possibilidades que a mesma proporciona, daí porque é importante exercitar a educação linguística com o aluno, conduzindo-o para reflexão sobre a importância das linguagens e suas variações linguísticas. Neste contexto é importante conduzir sempre o aluno a construir um pensamento de pesquisador das manifestações vivas da língua materna. Nesse sentido, Santos concorda com o autor quando diz:

[...] o ensino da língua materna seria mais interessante e eficaz se pautado numa reflexão sobre as variedades linguísticas, despojada de preconceitos, a fim de que o estudante perceba esse trabalho como estudo de uma língua não artificial (SANTOS, 2004, p. 128).

A colocação do autor é clara e precisa, ao defender que a eficácia se efetivaria no contexto das variedades, utilizada na língua, se realmente o preconceito sobre essas inúmeras questões já discutidas, fossem abolidas, porque na verdade o que se necessita para compreender o que se escreve e se fala é a mensagem bem explicada.

Quanto ao processo de análise lingüística, conforme determina os PCN, o educando deve constituir um conjunto de saberes sobre como funciona a linguagem e o sistema linguístico que são importantes para que se efetivem as práticas de

escuta, leitura e produção de textos. Além disso, é necessário que o aluno se aproprie dos instrumentos procedimentais e conceituais que são necessários para se processar a análise, bem como a reflexão linguística, no sentido de reconhecer os valores sociais nelas contidos e os preconceitos contra as maneiras populares em oposição às maneiras dos grupos sociais que são favorecidos.

Portanto, diante da pesquisa sobre os PCN e a variação linguística, constatamos que há um compromisso em respeitar as diversidades de cada região, no âmbito cultural e político brasileiro, considerando a necessidade de construção das referências nacionais comuns no processo de educação de todas as regiões do Brasil. Nesta perspectiva, no momento em que o educador considere estas diretrizes, sua prática docente terá sucesso no processo de ensino e aprendizagem e na formação de futuros cidadãos críticos, conscientes e participativos.

2.1 Proposta de atividade em sala de aula com a Variação Diafásica:

Aqui apresentaremos uma proposta de atividade com a Variação Diafásica, a ser realizada em sala de aula com uma turma do 9º ano.

Esta variação ocorre em situações da fala, em que uma mesma pessoa muda o seu modo de falar dependendo do contexto em que se encontra, ou seja, ela vai utilizar a linguagem formal ou não formal. O tempo utilizado será de quatro aulas de 50 minutos.

A atividade consta de quatro momentos:

1-PRIMEIRO MOMENTO

Apresentamos conceitos e características desta variação e onde elas podem ocorrer.

2-SEGUNDO MOMENTO

O professor deve apresentar aos alunos diferentes textos para que eles possam identificar se pertencem à linguagem formal ou informal. Estes textos serão

sorteados por grupos para que eles possam trabalhar a linguagem respectiva de cada texto.

3-TERCEIRO MOMENTO

No terceiro momento, os alunos, em equipe, devem preparar uma apresentação do texto sorteado, representando as variantes encontradas nele.

4- QUARTO MOMENTO

Finalmente, os alunos farão a apresentação de seus trabalhos no pátio da escola, como peça teatral, em que um narrador deve explicar que as diferentes linguagens utilizadas são típicas de diferentes situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa apresentou conceitos e concepções sobre a Sociolinguística, sua contribuição para o desenvolvimento da linguagem, e contemplou a minimização de dúvidas do fenômeno linguístico que não são fáceis de serem entendidos. Para isso foi necessário conhecer, de forma aprofundada as razões históricas e o contexto social em que vivem as pessoas que falam determinada língua, identificando as características próprias de cada comunidade falante, como também suas diferenças existentes na estrutura social, econômica e cultural.

Consideramos relevantes as contribuições dos teóricos aqui estudados, e em especial a de Bagno e Bortoni-Ricardo que nos fizeram ver um retrato da variação linguística no Brasil, bem como o seu uso em determinadas situações da fala, os lugares onde as variações ocorrem e a linguagem utilizada pelas classes prestigiadas e estigmatizadas.

Compreendemos que os preconceitos e estigmas que marcam as variações regionais usadas na língua portuguesa no Brasil são oriundos de estereótipos determinados a partir da supervalorização da variante da norma culta e que estas

têm relação com as classes sociais que conseqüentemente são culturalmente dominantes.

Comprovamos também que, embora a língua falada seja o português, esta é bastante diversa, pelo fato do Brasil ser uma sociedade diversificada em seus costumes, cultura, classes e formação da etnia. Portanto, não existe língua certa ou errada, existe sim maneiras de se expressar de forma diferente no interior da própria língua. Assim, podemos afirmar que ninguém fala errado, cada pessoa fala da forma da linguagem que aprendeu desde criança conforme o convívio com a família. Na verdade o que fica claro é que o importante é que a língua atenda às necessidades de comunicação de cada comunidade, porque se houver comunicação com entendimento entre as pessoas, isso é o que importa.

Aprendemos que diante de uma situação como uma defesa de uma tese, se deve usar a linguagem formal, ou seja, a norma culta, ao passo que em uma conversa numa roda de amigos usamos a linguagem informal, tendo assim os dois polos extremos e opostos.

Em relação às contribuições dos PCN de Língua Portuguesa, constatamos a importância de fomentar o aprendizado acerca da variação linguística em sala de aula, pois a proposta é interessante e adequada para se trabalhar a língua portuguesa, já que durante tanto tempo o ensino da mesma foi transmitido, de acordo com a língua padrão, que se efetivava através das normas da gramática.

Nesta perspectiva, essa pesquisa nos enriqueceu de conhecimentos, mas também de uma grande abertura para o uso da língua, principalmente, em um país continente, como é o nosso Brasil. Portanto, acreditamos termos alcançado o objetivo da pesquisa em querermos mostrar que o estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino são de suma importância.

Para concluir este trabalho, apresentamos uma breve proposta de atividade com a Variação Diafásica, com o objetivo de nortear nossos alunos sobre as variedades da nossa língua, encontradas em diferentes contextos, para que, assim, os preconceitos e paradigmas que são postos em relação à língua possam ser desmistificados.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T.; CAMACHO, R. G. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-76.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil**. João Pessoa-PB: Graphos, v. 12, n. 2 Dez/2010.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 48 e 49 ed. Edições Loyola, São Paulo: 2007.
- _____. BAGNO, **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 4.ed.São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. BAGNO, **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **A língua de Eulália**. Novela Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. BAGNO. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola editorial, 2013.
- BARBOSA, Adoniran. **Samba do Arnesto**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/adoniran-barbosa/43968/> Acesso em: 03 fev. 2016.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** SP: Parábola Editorial, 2005.
- _____. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília. MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2000.
- FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística: I objetivos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. (Revisada e atualizada). São Paulo: Ática, 2007.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

HORA, D. **Teoria da Variação: trajetória de uma proposta**. In: _____. Estudos linguísticos: perfil de uma comunidade. João Pessoa: Palotti, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Concepção de língua nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**. Trabalhos em Linguística Aplicada, 1986.

MOTA, Jacyra. A variação diafásica no português do Brasil. **Revista de Letras**. Fortaleza, CE: Nº 24, vol. 1-2, jan./dez. 2002.

PERFEITO, A. M. **Concepções de linguagem: teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa**. In: Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa (Formação de professores EAD 18), v. 1., ed. 1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

PERINI, Mário A. Sofrendo a gramática. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 7 reimpressão, 2001. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1997.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2008.

SANTOS, Dulcelina Silva dos. **Prestígio linguístico e ensino da língua materna**. Portugal: Porto, 2004.

SOUSA, R. M. A Sociolinguística na Formação Docente. In: **Aprendendo a aprender**. FÉLIX, J. d"Arc B (org.). UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação-Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais – Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.

SOARES, Magna. **Linguagem e Escola uma perspectiva social**. 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. SOARES, **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 9.ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios). p.17.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

VAZZATA-DIAS, J. F. **A concordância de número nos predicativos/participios passivos na fala do Sul do Brasil: motivações extralinguísticas**. In: Letras de hoje: a variação no sistema. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 209-228.